Recordações de Zvi Orenstein¹

ZVI ORENSTEIN

Traduzido do inglês por Rafael Bán Jacobsen

Meu Shtetl

Eu nasci na Polônia, na pequena cidade de Wielkie Oczy. O nome foi dado à cidade pelos colonizadores poloneses que vieram no século XVI e viram os dois grandes açudes que ali existiam naquele tempo, “grandes olhos” que os observavam da superfície da terra.

Os primeiros judeus que se estabeleceram na cidade, no século XVII, chamaram-na, em ídiche, de Vilkotch. Era um lugar pitoresco, cercado por bosques, campos e trilhas rurais nas quais os sapatos dos andarilhos se cobriam de poeira no verão e de lama pegajosa no outono e no começo do inverno, até a chegada da neve – e, depois do degelo, as trilhas eram tomadas de novo pela lama pegajosa. Pequenos rios e cursos d’água cavavam seu caminho no solo fértil e se tornavam lugar de banho e brincadeiras juvenis para as crianças da vizinhança e ainda uma fonte de água para que as mulheres lavassem as roupas em suas margens.

Em 1772, a cidade foi anexada à Monarquia dos Habsburgo como parte da província da Galícia, onde os judeus haviam sido emancipados por força da constituição de 1867. Depois do final da Primeira Guerra Mundial, como parte do acordo que estabeleceu as fronteiras na Europa, as áreas foram devolvidas à Polônia, e Wielkie Oczy se tornou uma cidade do distrito de Jaworów em Lwów Voivodeship.

Naquela época, os judeus não tinham permissão para adquirir terras, e foi por isso que meu avô Jacob Orenstein, que vivia na vizinha Morance, arrendou uma fazenda senhorial com uma grande extensão de terras diretamente com o proprietário, um polonês chamado Czerny. A fazenda se chamava Korczunek, o que significa um terreno em que as árvores foram derrubadas e tocos de árvore foram arrancados para formar uma clareira. A fazenda se localizava a três quilômetros de distância de Wielkie Oczy. O proprietário em pessoa morava em Lwów e também possuía outras terras nos arredores. Duas vezes ao ano, meu pai ia até ele para pagar o aluguel do arrendamento e outras contas. A atitude do proprietário para com os judeus em geral e para com a minha família em particular era boa e honesta, e ele era muito estimado por causa disso. Já adolescente, eu conheci seu filho Staszek, que servia no exército polonês.

A fazenda e os campos se estendiam por uma área de três quilômetros de diâmetro, e os prédios não tinham cercas. Como a estrada que ia de Wielkie Oczy até os vilarejos de Maidan Lipowski e Tarnawskie passava pela fazenda, todos os usuários da estrada tinham nossa permissão para passar entre os prédios da fazenda. O córrego no limite norte da fazenda era também a fronteira do vilarejo de Maidan. Pelos outros lados, a fazenda era cercada por bosques. Quando éramos crianças e adolescentes, nós vagávamos pelos arredores, colhíamos cogumelos nos bosques, apanhávamos nozes, amoras,

framboesas, maçãs e outras frutas do bosque, as quais eram usadas para fabricação de compotas e outras delícias. Nós nadávamos no rio, e as empregadas lavavam roupas nessa água.

Uma trilha pela floresta, que levava ao alojamento do coiteiro, passava não muito longe da fazenda. Uma mulher judia, com um filho e uma filha, vivia no alojamento; eles às vezes nos visitavam. Em nosso caminho até a cidade e durante nossos passeios pelas áreas vizinhas, nós às vezes usávamos a trilha para um pequeno descanso e para beber da excelente água do poço próximo ao alojamento do coiteiro.

Em nossa fazenda, havia oito prédios de residência, estrebarias e estábulos, um galinheiro, um silo para o trigo e um galpão para os produtos agrícolas.

O prédio em que vivíamos era muito espaçoso e tinha um telhado vermelho. Uma viúva – que era leiteira – vivia no mesmo prédio com suas duas filhas, mas havia uma entrada separada. Seu nome era Basia Mond. Ela comprava laticínios feitos na fazenda e os vendia nos vilarejos vizinhos.

O prédio ao lado do nosso era particularmente comprido. Viviam ali meu tio Isaac com sua família, minha tia Rivka Fuss com seu marido e família, e minha avó Chaia Orenstein. Em um grande porão ali embaixo, a leiteira Basia armazenava laticínio para vender, juntamente com comida processada para uso da família.

Cada família tinha uma serviçal, uma mulher polonesa ou ucraniana, que auxiliava nos trabalhos do lar e da fazenda.

Outro prédio era a casa de cinco famílias de camponeses ucranianos que trabalhavam na fazenda. Uma parte do prédio servia como uma grande estrebaria para 100 vacas, e, logo ao lado, havia ainda outro prédio, cuja metade era uma estrebaria para os bois e novilhos que trabalhavam na fa-

zenda e cuja outra metade era uma estrebaria para 30 cavalos. Próximo, havia um galpão, e, ao lado dele, um grande armazém onde eram guardadas as máquinas de cortar palha e os grãos já debulhados. Um prédio novo servia como celeiro. Na fazenda, havia alguns prédios altos e largos usados para estocar vários tipos de grãos e palha depois da colheita. Na época de inverno, quando não havia nenhum outro trabalho, o milho era carregado para o celeiro onde os grãos eram separados.

A comandante dos trabalhos no campo e supervisora dos campos da fazenda era Chanina Strasberg, que também supervisionava os trabalhadores ucranianos, cujo dever era manter a fazenda e executar os trabalhos mais pesados: trabalhar a terra, tratar dos animais – cavalos, bois, galinhas e gansos, assim como vacas leiteiras –, tudo em horários fixos, três vezes ao dia. Na época da colheita e do arrancamento das batatas, vinham, todos os dias, centenas de trabalhadores dos vilarejos vizinhos: Maidan, Tarnawskie e Wólka Żmijowska.

As regras do *kashrut*² requeriam a presença de um judeu quando as vacas eram ordenhadas por empregados não-judeus. É por isso que alguém da família ou Basia, a leiteira, estava sempre presente durante a ordenha; Basia também verificava a qualidade do leite. O trabalho na fazenda era muito árduo. Vastas áreas rendiam várias safras: trigo, aveia e outros grãos, bem como centenas de toneladas de batatas, sendo que a maioria era entregue à destilaria em Wielkie Oczy que pertencia ao proprietário da terra e que era gerenciada pelo judeu Bauer. Áreas especiais eram dedicadas ao cultivo de alimento para o nosso gado. Uma parte das vastas terras era arrendada aos camponeses. Durante a temporada de colheita, os arrendatários ceifavam o milho, deixavam-no secar por alguns dias e então faziam fileiras de grandes feixes, seis feixes do mesmo tamanho em cada fileira, e esses feixes eram

usados para alimentar o gado no inverno. Um em cada seis feixes era o ganho dos arrendatários. Os cinco restantes eram armazenados fora da fazenda. Eu costumava acompanhar meu pai durante a inspeção dos campos, e nós notávamos que os fazendeiros faziam os seus feixes maiores do que os outros, mas, na maioria das vezes, fazíamos vistas grossas para esse fato.

Muitas vezes, durante as longas e frias noites de inverno, nós tínhamos de cuidar das vacas que pariam nas estrebarias. De acordo com as leis do governo polonês, não era permitido matar os novilhos para fazer carne – apenas as vacas podiam ser mortas para fazer carne –, mas, como nasciam muitas fêmeas, as quais não queríamos criar, nós as levávamos clandestinamente para o açougueiro que fazia a divisão da carcaça. Ele pegava parte da carne como seu pagamento e entregava-nos o restante na fazenda.

Juntamente com outras crianças da fazenda, eu ia à escola em Wielkie Oczy, que era frequentada por todas as crianças dos vilarejos vizinhos: poloneses, ucranianos, judeus e também pelas crianças da cidadezinha próxima de Fehlbach, que era inteiramente habitada por alemães (quando a Segunda Guerra Mundial terminou, eles passaram a ser chamados de *folksdojcz*³, e com eles os judeus de Wielkie Oczy mantinham contato para assuntos de comércio). Por uns poucos anos, o diretor da escola foi um alemão chamado Preidel. No dia a dia, falávamos polonês e, ainda mais frequentemente, ídiche, e, na terceira série, começávamos a aprender alemão e ucraniano também. As aulas na escola eram ministradas também aos sábados, e, é claro, os judeus faltavam nesses dias, o que nos obrigava a atualizar a matéria depois.

Em geral, as crianças judias tinham mais deveres do que as crianças católicas. Em cada ano, antes de começar a escola, um *melamed* (professor)

vinha à nossa casa na fazenda; ele morava conosco durante a semana, preparando todas as crianças pequenas da fazenda para estudar no *cheder* (escola judaica), e, ao sábado, regressava à sua casa em Wielkie Oczy. Para evitar traslados diários da fazenda até a escola em Wielkie Oczy e depois de volta, nós morávamos em uma das duas casas que meu avô comprara na cidade e que estavam situadas em um grande quarteirão. Todos os sábados, uma carroça puxada por dois cavalos nos levava a Wielkie Oczy, e, nas sextas-feiras, nós voltávamos à fazenda. A viúva Eichner, que morava com seus dois filhos na nossa casa, cozinhava para nós usando a comida que trazíamos da fazenda.

Nos dias úteis, depois de encerradas as aulas na escola e depois de termos feito nosso jantar em casa, nós estudávamos Torá no *cheder* junto com outros meninos judeus da cidade. De acordo com a tradição judaica criada pelo movimento *hassídico*⁴, havia poucos *cheders* na cidade, para crianças pequenas e mais velhas, onde, durante as tardes, estudava-se o Pentateuco e o *Talmud*. Nós estudávamos com um *melamed* chamado Josel. Nós o apelidamos jocosamente de “Josel, o cônego”, porque, cada vez que o pároco local passava por perto, Josel costumava dizer: “Aí vem o cônego”. O *melamed* Josel era uma pessoa muito inquisitiva e era bem instruído em *Talmud*. Ele não tolerava que ninguém interrompesse a aula. Um aluno que fosse pego interrompendo a aula acabava experimentando a mão pesada de Josel e era severa e espalhafatosamente repreendido. Josel tinha esposa e dois filhos e ganhava a vida com grande dificuldade, como a maioria dos judeus de Wielkie Oczy, que mal conseguiam dar conta das despesas. Havia uma vaca no seu pátio, e nós às vezes matávamos aula para juntar grama para a vaca e, no verão, nadávamos em um córrego que ficava a um quilômetro de distância da casa do *melamed*. Quando nos fla-

grava, ele nos punia muito severamente.

Às vezes, nós íamos até um judeu chamado Blick, que tinha uma máquina de fazer água gasosa. Como não havia energia elétrica na cidade, a roda da máquina tinha que ser operada com uma manivela. Nós nos voluntariávamos para operar a manivela e, como recompensa, ganhávamos água gasosa com xarope de framboesa para beber.

Entre as figuras pitorescas da cidade, havia um judeu doente mental chamado Lippe. Nós, crianças, tínhamos medo e mantínhamos distância dele. Como os cristãos tinham poços em suas casas, Lippe tirava água de um poço central na praça da cidade e a carregava em baldes até os lares judaicos. Em troca, ele ganhava algumas moedas ou um prato de comida. Lippe era uma pessoa impetuosa e sem inibições. Quando se aborrecia, ele se jogava com seus punhos em cima do primeiro judeu que cruzasse o seu caminho. Apenas o *shammes* (cuidador) da sinagoga podia lidar com ele, e Lippe tinha medo dele. Talvez ele temesse que o *shammes* não o deixasse dormir na sinagoga, onde ele costumava se deitar sobre o fogão de cerâmica morno.

Meus avós tiveram onze filhos, e, no verão, durante as férias escolares, tios e tias, com suas famílias, vinham de toda a Galícia polonesa oriental para passar a maior parte das férias conosco.

De Sambor Velho vinham minha tia Barndel com seu marido Lejb Arlebaum e seus filhos: Libcia, Aaron, Katriel, Lea e Rachela (que se mudou para a Palestina antes da Segunda Guerra Mundial).

Da pequena cidade de Zborów vinham meu tio Shmuel-Josef Orenstein, sua esposa Rachel Katz e seus filhos: Lea, Szindel e Yankel. Antes de se mudar para Zborów, o tio Shmuel-Josef e sua família viviam conosco, em nossa casa em Wielkie Oczy. Meu tio lidava com câmbio monetário e, no sótão, ele mantinha todos os acordos relacionados com esse “banco”, junto com pacotes de dinheiro anti-

go que não mais circulava. Mais tarde, ele trabalhou no comércio de couro. No começo da década de 1930, eles se mudaram para Zborów.

Minha tia Dvora, seu marido Moshe Bule e seus filhos Icie, Katriel, Gente e Sara vinham de Jaworów.

De Oleszyce vinha minha tia Miriam com seu marido Gottlieb e os filhos: Naftali (que morreu com quinze anos de idade) e Moshe.

De Łańcut vinham tia Rosa, seu marido Josef Ketler e os primos: Mordechaj, Szmil, Aaron e Ruchcie (os dois últimos foram embora para a Rússia; Aaron casou-se por lá e morreu, e Ruchcie foi para Israel com seu marido Shmuel Balzam e seu filho Jossele, o qual constituiu família e vive entre os *hassídicos de Belz*⁵ em Bnei-Brak).

Também a família Lehrer, parentes de minha mãe, costumava vir nos visitar, mas não com muita frequência, pois eles moravam longe. Minha mãe tinha poucos irmãos, e eu me lembro de que um deles, de Skoło e Komarno, veio nos ver juntamente com seus filhos ruivos. Meu primo pelo lado materno, Mordechai Szechter, foi o único a ir para a Palestina antes da guerra, em 1931. Sete anos depois, em 1938, ele voltou à Polônia, casou-se com Tama, e ambos conseguiram deixar a Polônia e chegar à Palestina como portadores de passaportes britânicos. Quando vim para Israel depois de todas as horríveis experiências que passei, eles muito me ajudaram. Deixaram um filho, chamado Dov, e dois netos.

Nós ficávamos muito felizes cada vez que recebíamos uma visita. Junto com nossos primos, nossos pares, nós enchíamos a vizinhança com gritos de alegria e felicidade, brincando e nos divertindo durante todo o verão nas grandes áreas da fazenda. É claro que não perdíamos a chance de fazer travessuras e palhaçadas.

Um certo domingo, quando eu tinha treze anos,

meu primo Naftali Gottlieb, três anos mais velho, convenceu-me a pegar cavalos – que estavam em seu dia de descanso – e cavalgar em direção a Niemirów, um balneário que ficava a cerca de trinta quilômetros da fazenda. Nós selamos dois cavalos e fomos para o campo. Quando tivemos certeza de que ninguém nos observava, nós partimos. Passamos por vilarejos, comemos junto com camponeses que ele conhecia e, finalmente, quando já estávamos cansados, chegamos a Niemirów. Deixamos os cavalos descansarem por algumas horas em um estábulo de uma hospedaria judaica enquanto aproveitávamos o tempo para vagar pela cidade. Enfim, decidimos retornar. Em nosso caminho de volta para casa, nós nos perdemos e provocamos um certo tumulto ao entrar em um local restrito onde os cristãos celebravam o domingo. Dois policiais vieram correndo, ordenaram que apeássemos e começaram a nos interrogar. Quando pedimos desculpas pelo engano, eles nos repreenderam, mas permitiram que cavalgássemos para longe dali.

Eu não sabia que um dos meus parentes estava lá e tinha visto todo o incidente. Retornamos à fazenda, levando os cavalos apressadamente para o estábulo; só então eu notei um grande inchaço no lombo de um dos cavalos, causado pela má colocação da sela. Poucas semanas depois, o parente nos visitou e contou à nossa família a respeito do incidente com os cristãos que celebravam o domingo e os policiais. É claro que meu pai ficou muito zangado por causa disso.

Outro acontecimento poderia ter se encerrado de modo trágico, mas, seja como for, terminou em confusão. Meu irmão Mendel, que trabalhava em uma fábrica em Żurawica, veio passar o final de semana em casa e, na sexta-feira à noite, ele me pediu que o acompanhasse em sua ronda pela fazenda. Nós precisávamos escapular porque nosso pai

não permitia que cavalgássemos depois de já ter começado o *shabbos*⁶. Levamos conosco uma arma nova que tínhamos legalmente na fazenda e que era usada para espantar animais, especialmente os javalis, que danificavam a colheita (na fazenda, também tínhamos uma velha e comprida carabina austríaca, usada para o mesmo propósito). Estávamos cavalgando pelos campos quando, de repente, vimos um lampejo e algumas figuras suspeitas. Eu entreguei a arma para Mendel, e então um tiro foi disparado e feriu a sua mão. Mendel tinha certeza de que alguém estava disparando contra ele, mas eu o convenci de que, sem querer, ele havia disparado contra si mesmo. A ferida sangrava profusamente, e nós cavalgamos a galope até o Dr. Grünseit, o médico de Wielkie Oczy. Nós o acordamos, e ele fez um curativo no ferimento. No dia seguinte, o incidente era o assunto do dia na cidade.

Em nossa casa, havia algumas caixas de coleta feitas de metal que serviam para angariar donativos para a caridade. Entre elas, havia também a caixa de coleta do Fundo Nacional Judaico. Toda sexta-feira, antes de as velas serem acesas, as mulheres costumavam depositar algumas moedas na caixa de coleta de Rabi Meir, o Fazedor de Milagres, e de outras pessoas. A família também doava dinheiro para a escola religiosa Kolel Galícia, em Jerusalém. Registros dessas doações estão preservados até hoje.

Cada família também fazia doações, de acordo com as suas possibilidades, para a comunidade judaica de Wielkie Oczy, a fim de fazer assistência social, manutenção dos prédios públicos e outras atividades. Antes das festividades, nossa família costumava mandar carroças com batatas e beterrabas (para fazer *borsh*⁷) aos judeus pobres de Wielkie Oczy; e, antes do feriado de *Shavuot*⁸, mandava leite e produtos lácteos. Antes de *Pessach*⁹, meu pai costumava mandar farinha ao rabino para assar

*matzo*¹⁰, farinha feita em moinho de pedra a partir de trigo colhido antes das chuvas. Duas trabalhadoras separavam o joio do trigo sob o acompanhamento de um supervisor *kosher*. Em diversas ocasiões, meu pai ia ter com o *Admor*¹¹ dos Belz e sempre era recebido com hospitalidade e respeito, recebendo bênçãos e votos de sucesso em todas as suas empreitadas.

Cerca de oitenta e cinco famílias judias viviam em Wielkie Oczy. As famílias, de acordo com o costume prevalente em todas as pequenas cidades e vilarejos poloneses, moravam no centro da cidade, onde se concentravam os judeus que mantinham pequenos negócios. Como os judeus não tinham permissão para ocupar cargos públicos, a maioria deles era forçada a ganhar a vida com serviços e pequenos comércios, principalmente como alfaiates, sapateiros, vendedores de armarinho ou armazém, e também como negociantes em outras ocupações. Em ambos os lados da comprida rua, havia casas, armazéns e outros prédios – e esses eram propriedades dos cristãos. Como em toda pequena cidade da Europa Oriental, havia, em Wielkie Oczy, prédios públicos típicos, tais como a igreja, a escola para todas as crianças da cidade e os prédios das autoridades locais.

Havia, na cidade inteira, dois lampiões de gás. Um ficava na praça da cidade, e outro na Rua Krakowiecka. Quando estavam sem gás, passava muito tempo até que fossem enchidos de novo, e, no meio-tempo, havia escuridão por toda parte. Os poucos prédios industriais, como a destilaria, localizavam-se mais afastados.

As duas sinagogas, a velha e a nova, separadas pela estrada, ficavam na praça da cidade. Não longe delas, em um lugar chamado Pasternik, havia uma *mikvah*¹². Era uma casa de banho com vapor, similar a um banho turco ou uma sauna. Uns poucos degraus conduziam à água fria. Eu acompanhei

meu pai algumas vezes, mas eu não conseguia suportar o cheiro de lá e, por essa razão, eu evitava o lugar. A *mikvah* era usada também por mulheres. Os homens a usavam nas sextas-feiras, antes de começar o *Shabbat*.

Minha família frequentava a sinagoga velha, chamada Beit Ha-Midrash (“beys ha-midreys”, na pronúncia asquenásita), na qual rezavam a maioria dos judeus mais velhos da cidade. Meu pai tinha um lugar de honra perto da parede leste, logo ao lado do rabino da cidade, Jona Teomim, o qual dava continuidade à longa tradição de rabinos de Wielkie Oczy em sua família.

Aos sábados e nos feriados, minha família costumava andar três quilômetros da fazenda até a sinagoga. Como, em nosso caminho, atravessávamos a “zona do *Shabbat*”¹³, nós parávamos no meio do caminho para depositar sobre o solo algum prato preparado ainda na sexta-feira. Era um costume observado desde tempos imemoriais. Desse modo, podíamos ir mais longe. Poloneses e ucranianos que trabalhavam no campo e que encontrávamos em nosso caminho, nossos conhecidos, inclinavam as cabeças em mesura e nos saudavam, erguendo os chapéus e desejando-nos um bom *Shabbat*.

Antes do Ano Novo e do Dia do Perdão, nós enviávamos carroças com palha que era esparrada pelo chão da sinagoga para que as pessoas que fossem orar pudessem, de acordo com o costume, tirar os sapatos e rezar só de meias. Antes de *Sucot*¹⁴, mandávamos galhos de árvore para a construção das cabanas e os amontoávamos na praça da cidade para todos os judeus usarem. Durante aqueles feriados, dormíamos em nossa casa em Wielkie Oczy, e, à noite, quando o feriado terminava, carroças vinham de Korczunek para nos levar até a fazenda. Passávamos *Pessach* junto com toda a família em Korczunek.

O Beit ha-Midrash era um antigo prédio de ti-

jolos, comprido e alto, com paredes espessas e robustas. No centro do aposento, estava erigida a *bimah* (*blemel*⁵), cercada por uma espécie de balaustrada de madeira, e de lá o *gabbai*⁶ conduzia as rezas e convidava algumas das pessoas a lerem fragmentos da Torá retirada do *Aron ha-Kodesh*⁷, o que era uma grande distinção. Em ambos os lados da *bimah*, havia mesas e bancos compridos, e, ao longo das paredes, havia estantes de madeira abarrotadas com os grossos livros sagrados. Ao lado, ficava um fogão de cerâmica, que era acendido pelo *shammes* do Beit ha-Midrash durante os rigorosos invernos e que ficava aceso dia e noite, provendo calor como se fosse o fogo eterno. No primeiro andar, havia um lugar para as mulheres, separado por uma cortina transparente que as mulheres puxavam para os lados a fim de atirar doces sobre as cabeças dos meninos que faziam o seu *bar-mitzvah*¹⁸, de pé e de pernas trêmulas sobre a *bimah* para ler a *Haftará*¹⁹, ou sobre a cabeça de um noivo que estivesse celebrando na sinagoga o “*Shabbat* do noivo” e que tinha a honra de ficar na *bimah*. Aqueles que podiam arcar com isso, tinham a possibilidade de “comprar” um lugar melhor para as mulheres nessa área reservada. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Beit ha-Midrash foi destruído e jamais foi reconstruído.

Todas as sextas-feiras, o *shammes* da sinagoga fazia um chamado de despertar às cinco horas, ainda em completa escuridão, a fim de acordar os judeus para as rezas matinais, gritando: “Acordem, venham orar ao Criador!”. Certo dia, o *shammes* passou por um homem e, no escuro, não percebeu que era um cristão. Ele gritou ao homem, “Acorde...”, e o transeunte se assustou e saiu correndo. No dia seguinte, ele fez uma reclamação à comunidade judaica, que tratou logo de compensá-lo pelo ocorrido.

A sinagoga nova, que ficava em frente, fora

construída no final do século XIX.²⁰ Depois de sua destruição durante a Primeira Guerra Mundial, foi reconstruída em 1927 graças à generosidade de Elias Gottfried, de Wielkie Oczy. Gottfried era um órfão pobre que, a exemplo de muitos outros judeus pobres da cidade, foi tentar a sorte além-mares, principalmente nos Estados Unidos. Graças ao incansável trabalho que empreendeu, ele foi bem sucedido e acumulou considerável fortuna. Sua riqueza não o fez esquecer do seu *shtetl* de origem, e, graças à sua generosidade, a sinagoga foi reconstruída e se tornou o mais bonito prédio de Wielkie Oczy. Até mesmo os moradores cristãos admitiam isso. A sinagoga sobreviveu à Segunda Guerra Mundial e está de pé até hoje. Em uma de suas paredes, foi colocada uma placa de mármore com uma inscrição em hebraico em honra à sua generosidade: “Ao afável benfeitor nascido em nossa cidade, respeitado cidadão de Nova Iorque, nosso nobre professor e mestre Elias Gottfried e à sua esposa, a nobre dama Rachel... como sinal de gratidão, fizemos essa placa celebrando os seus nomes para sempre, até a última geração.”

Na cidade, havia um cantor que era também açougueiro e fiscal de carnes. Nos dias santos, e em particular nos Dias de Temor²¹ e em *Simchat Torá*²², as pessoas tinham que decidir em qual das sinagogas o cantor compareceria perante o *Aron ha-Kodesh* para conduzir as rezas. É claro que a solução para esse dilema não era atingida sem discussões e disputas, argumentos e contra-argumentos sobre a qual dos *minyanim*²³ seria concedido ouvir os trilados do cantor. Comumente, as disputas se estendiam por alguns dias antes de as partes interessadas chegarem a um acordo, para alegria dos participantes e observadores das disputas e especialmente das crianças, para as quais cada visita à sinagoga era um pretexto para fazer algazarras, o que deixava as crianças contentes, mas vinha jun-

to com censuras e reprimendas por parte dos pais.

O movimento *hassídico* influenciou enormemente a vida e as tradições dos judeus em toda a Galícia. Em Wielkie Oczy, o mais perceptível era o movimento *hassídico de Belz*, que deixou sua marca em todos os aspectos da vida daqueles judeus de Wilkie Oczy que cultivavam os costumes *hassídicos* e sua profunda adesão ao estilo de vida tradicional. De vez em quando, vinham vários rabinos eminentes e importantes, e, entre eles, o *Admor* de Belz e o *Admor* de Jaworów, e também outros rabinos de cidades vizinhas. Os preparativos para essas visitas duravam várias semanas, e todos os judeus da cidade participavam da limpeza e da decoração. Meu pai, que tinha um excepcional e caríssimo *shtreimel*⁴, feito de pele de raposa, emprestava esse chapéu festivo para o rabino da cidade, Jona Teomim, para aumentar o seu prestígio e sua importância ante os olhos dos respeitadores e importantes convidados recebidos em Wielkie Oczy com pão e sal²⁵, com música e dança.

Certo dia, o bispo veio à cidade para visitar o seu rebanho. Um feriado foi anunciado naquele dia. Os habitantes esperavam por ele impaciente-mente, uma orquestra tocava para ele, e jovens a cavalo vinham para saudá-lo e assisti-lo. No final da sua visita, o bispo passou pela sinagoga, e os judeus da cidade, carregando a Torá, fizeram-lhe reverências. O surpreso bispo disse algumas palavras, beijou a Torá e seguiu adiante.

Em geral, as relações entre cristãos e judeus eram bastante decorosas, mas havia ódio contra os judeus por parte dos cristãos. A fonte desse antissemitismo remontava há mais de um século, quando os *Protocolos dos Sábios de Sião* foram publicados na Europa pela primeira vez²⁶. Havia padres e outros pesquisadores que inflamavam a chama do ódio. Existia ainda outra razão que se originava da abordagem negativa dos ucranianos para com

o governo polonês, a qual se expressava através de diversas ações contra os judeus. Em outras partes da Polônia, o boicote econômico aos judeus, cuja situação econômica era difícil de qualquer modo, tomou a forma de *pogroms*²⁷. Círculos antissemitas propagavam o slogan “Judeus para a Palestina”. A ascensão dos nazistas ao poder e a assinatura, em 1934, do tratado germânico-polonês de não-agressão provocaram uma crescente influência germânica sobre a Polônia. Em 1937, o “gueto de bancos” foi introduzido nas universidades polonesas²⁸. Foi decidido que os estudantes judeus deveriam sentar em bancos separados, e, em algumas escolas, a medida foi ainda mais severa, e os estudantes judeus eram forçados a estudar em pé. Um ano depois, o abate ritual foi legalmente banido, e foi decidida uma redução no número de judeus com cidadania polonesa.

As crianças polonesas e ucranianas em Wielkie Oczy costumavam provocar as crianças judias comendo carne de porco perto delas e chamando-as por diversos nomes, tais como Lúcifer, Senhor do Inferno ou Judas, referindo-se a Judas Iscariotes, que, de acordo com a fé cristã, entregou Cristo para os romanos.

Certo dia, quando eu tinha dez anos de idade, um rapaz polonês de dezoito anos me bateu no rosto. Minha bochecha inchou, e o médico, Dr. Grünseit, aconselhou meus pais a prestar queixa e processar aquele antissemita. Meu pai seguiu o conselho e abriu um processo em Krakowiec, uma pequena cidade a uns poucos quilômetros de Wielkie Oczy e onde o distrito policial e a corte se localizavam. O rapaz foi condenado a uma semana de prisão, mas meu pai, influenciado pelos judeus locais, retirou a queixa.

Quando chegavam os feriados cristãos, minha família costumava mandar presentes para o prefeito da cidade, para o comandante de polícia e para

outros cidadãos respeitáveis. Na maioria das vezes, os presentes consistiam em produtos da colheita ou animais de fazenda. Antes do Natal, era sempre um peru, de acordo com os costumes cristãos. Compreensivelmente, os presentes eram aceitos com satisfação.

De tempos em tempos, um pregador vinha à sinagoga para falar de vários temas religiosos, seculares, históricos e outros tantos que dizem respeito ao destino deste mundo. Todos os presentes davam uma certa soma para cobrir as despesas do convidado, e, depois, todos tinham um novo tópico para debater.

Outro local em que as pessoas debatiam vários assuntos e faziam fofocas era no correio, onde, todos os dias, as pessoas esperavam pelo cocheiro que trazia cartas e jornais de Jaworów em sua carroça de dois cavalos.

Os casamentos eram organizados nos quintais das casas. Na maioria das vezes, uma banda *klezmer*²⁹ vinha de Jaworów. Todas as crianças da cidade vinham e ali se reuniam para ouvir a música e admirar os instrumentos, mas, acima de tudo, para rir ruidosamente das piadas contadas pelo comediante, cuja presença em todos os casamentos era obrigatória. Antes do final da festa, uma pessoa anunciava qual presente cada um dos convidados, chamado pelo nome, havia trazido, enquanto as crianças apanhavam doces e fatias do bolo.

Durante *Purim*³⁰, as crianças de fantasiavam como o malvado rei Haman³¹, como o rei Ahasverus, ou outras figuras da história de *Purim*; elas iam de casa em casa, cantando, dançando e arrecadando o *gelt* de *Purim* – pequenas doações em dinheiro. Em *Hanuká*³², ganhávamos “dinheiro de *Hanuká*” de nossos pais.

No primeiro dia do Ano Novo, nós seguíamos com a procissão conduzida pelo rabino, saindo das sinagogas em direção ao vilarejo próximo de

Zmijowiska, com destino a um grande rio, a fim de cumprir o mandamento de *tashlich*³³. Claro que, antes, já havíamos tratado de colocar algumas migalhas de pão em nossos bolsos para atirá-los nas “profundezas do mar” junto com os nossos pecados. Depois de cumprir esse mandamento, voltávamos para casa cantando canções *hassídicas*.

A comunidade judaica também tinha uma linguagem própria. Até os impropérios usados eram “judaicos”. É sabido que, por causa de sua crença no “olho do mal” e do seu medo de “abrir a boca de Satã”, os judeus sempre evitaram chamar a morte pelo seu nome e, por essa razão, inventaram vários nomes irônicos e eufemísticos. Por exemplo, alguém “partiu para sempre”, ou “encontrou sua paz”, ou ainda “fechou os seus olhos”, ou “foi para onde todos vão”, e outras expressões do gênero. Em vez de desejar que alguém morresse, uma pessoa diria que “a grama deveria crescer em cima dele”, que “os cachorros deveriam tê-lo como jantar”, que “ele deveria se transformar numa lâmpada – dependurado de dia e pegando fogo de noite”, e assim por diante. Em *Wielkie Oczy*, nós tínhamos uma maldição equivalente: a saber, a expressão “vá para a Maria”. Maria era uma mulher que morava perto do cemitério judaico, e, como o portão ficava em geral trancado, as pessoas que iam visitar o cemitério tinham que atravessar o quintal dela. A pessoa que dissesse tal coisa queria dizer “vá para o cemitério e fique por lá”, e a outra pessoa, que, esperava-se, compreendesse a mensagem, de fato compreendia.

Na cidade, havia diversos eventos em que judeus e cristãos participavam conjuntamente. Todos os anos, uma festividade acontecia no lugar chamado *Mielniki*. Havia um grande parque por lá, no qual, aos sábados, os judeus costumavam passear e se divertir. Uma orquestra participava das festividades, havia dança, competições com prêmios

eram organizadas, e as bebidas escoavam feito água. Talvez por causa da grande quantidade de álcool, às vezes acontecia de judeus dançarem com moças cristãs.

Toda terça-feira, acontecia uma feira na cidade. Vendedores e compradores se reuniam na praça da cidade. O dia da feira era quase um feriado, e, muitas vezes, uma orquestra e várias apresentações acompanhavam a feira. De quando em quando, um corredor enfeitado com sininhos corria em volta da praça e acelerava seu passo à medida que crescia a animação das pessoas ali reunidas.

As mulheres mais idosas, que vendiam várias coisas velhas, tinham um método comprovado de se aquecer durante os dias frios. Elas sentavam sobre recipientes especiais cheios de carvão incandescente, o que não impedia que elas ficassem enfiadas e brigassem com as outras mulheres e com os clientes, para deleite daqueles que testemunhavam tal espetáculo.

A cada inverno, um grupo de poloneses proprietários de terras vinha a Wielkie Oczy, em dois ônibus, a fim de participar da caça que acontecia nas proximidades. No verão, a caça era proibida. Quando eles vinham, a cidade começava a pulsar de vida, e o maior beneficiário disso era, certamente, Just, o dono do único restaurante em Wielkie Oczy.

Duas vezes por mês, um caminhão de entregas vinha a Wielkie Oczy. Trazia diversas mercadorias, principalmente chicória, que era um substituto para o café. A chegada do caminhão era um evento que deixava uma impressão que durava mesmo depois de o caminhão ter ido embora. As crianças corriam atrás do caminhão, e o motorista atirava amostras de vários produtos pela janela. Depois, durante algum tempo, nós evitávamos pisar nas marcas dos pneus que o caminhão deixava na estrada enlameada.

Uma vez por mês, curta-metragens eram apresentados na cidade. Eles eram projetados utilizando-se um gerador. A maioria dos filmes era feito para um público cristão, mas, mesmo assim, era uma grande atração. Lembro-me de como meu pai estava emocionado quando, certa vez, voltou de Jaworów e nos contou que havia assistido a um filme. Nós, as crianças, escutamos a sua história com a respiração suspensa. Um poucas vezes, eu pude ir ao cinema em Jaworów, onde era possível assistir a alguns filmes consecutivos com um só tíquete.

Nas tardes de sábado, eu encontrava meus amigos no bosque, a meio-caminho entre a fazenda e Wielkie Oczy. Nós éramos uma turma formada por Leon Strassberg (que depois se mudou para a Rússia e, de lá, para os Estados Unidos), Tońcia Bauer, Jańcia Brener, Mali Zucker, e Idele Scherer, que era estudante exemplar. Naqueles dias de inverno em que nevava, nós brincávamos em um trenó puxado por cavalos. Mali Zucker e eu sentávamos no banco da frente, e Idele Scherer e Jańcia Brener sentavam no traseiro. Passeávamos pelas redondezas até o anoitecer. Certo dia, no caminho de volta, o freio do trenó se quebrou, os cavalos começaram a galopar, e o trenó acelerava rapidamente. Pedi a Mali Zucker, que estava sentada ao meu lado, para se segurar em mim para que não caísse. Eu não tinha percebido que as duas crianças que sentavam atrás já haviam caído do trenó e estavam apavoradas; Jańcia até quebrou a perna. Camponeses que estavam por perto viram o acidente e acorreram em nosso auxílio. Eu adorava andar a cavalo. Às vezes, eu pegava um cavalo e galopava orgulhosamente pela rua principal de Wielkie Oczy, regozijando-me com a impressão que a minha cavalgada causava.

Quando os jovens adolescentes concluíam a escola em Wielkie Oczy, eles não tinham nada para

fazer na cidade pequena e modorrenta, pela falta de trabalho. A maioria buscava trabalho fora da cidade. Nos feriados, eles voltavam para casa vestidos na moda, de acordo com o costume das grandes cidades, espalhando aroma de água-de-colônia. Todos se juntavam a eles e ouviam histórias sobre todas as coisas esplêndidas que a cidade grande podia oferecer.

E assim nossa vida passava mansamente, até a morte de minha mãe Faiga. Foi em 1930, pouco depois do nascimento da minha irmã caçula Reisel. Eu tinha oito anos de idade quando, junto ao cortejo fúnebre, acompanhei minha mãe ao seu local de descanso eterno. O *shammes* da sinagoga andava na frente do cavalo, clamando em voz alta: “A justiça haverá de conduzi-la, donativos a salvarão da morte”. Antes de o corpo ser colocado no túmulo, seu rosto, tapado pela mortalha, foi descoberto, e pequenos cacos de cerâmica foram colocados sobre os seus olhos. Em *Wielkie Oczy*, não era costume colocar o sobrenome da pessoa falecida na *matzeva*³⁴, apenas o primeiro nome e o nome do pai, juntamente com algumas palavras elogiando o falecido. Na *matzeva* de minha mãe, estava escrito algo assim: “Sua casa estava aberta aos pobres, ela ajudava a todos e demonstrava compaixão a todas as pessoas. Que possa sua alma se ligar aos elos da vida.” Na parte da comunidade judaica que observava os mandamentos e as tradições, todos os falecidos eram tratados dessa forma.

Mais tarde, quando os judeus foram expulsos da cidade, *matzevos* (pedras tumulares) foram roubadas do cemitério pelos habitantes remanescentes e foram usadas para a construção de estradas, escadas, pisos, etc. Apenas recentemente algumas delas foram recolocadas nos seus lugares.

Um ano depois, meu pai se casou com Rachel, cujo nome de família era Spatz, da pequena cidade de Radymno. Rachel era uma mulher religiosa

e instruída, uma mulher viajada que passara alguns anos em Viena com seu irmão. Eu fiquei muito feliz por ter uma mãe outra vez. Rachel, juntamente com o marido de sua irmã, chamado Fishel, era dona de uma fábrica de tijolos em Żurawica, perto de Przemyśl. Meu irmão Mendel assumiu a posição de gerente da fábrica depois de ter concluído cursos de gestão e contabilidade. Ele se mantinha ocupado quase todos os dias e todas as noites para atender uma grande encomenda do exército polonês e para entregar tijolos em Sopot, na fronteira entre Polônia e Alemanha, perto da Cidade Livre de Gdańsk, que funcionava como estado independente.

Nas conversas à mesa, Rachel nos alertou a respeito de Hitler e sua ideologia. Ela dizia que ele levaria o mundo à guerra e ao desastre.

A situação econômica de nossa família era boa, e, portanto, não era necessário que eu complementasse a renda com meu próprio trabalho. A possibilidade de eu ir embora para uma cidade grande a fim de trabalhar não era sequer discutida. Eu tinha meus deveres e minhas tarefas na imensa fazenda. Nessa situação, eu invejava meus amigos que haviam partido. Mas a vida e o trabalho na fazenda me colocavam bem próximo à natureza. Eu era um filho da natureza que gostava de ler livros e, de menino, cresci para me tornar um jovem forte e robusto.

Entre a foice e a suástica

Em 1º de setembro de 1939, o dia não amanheceu na Polônia. Os raios do sol foram eclipsados pelas negras nuvens da guerra. Os aviões Stucka da Luftwaffe³⁵ alemã, equipados com horripilantes sirenes, cruzavam o céu e precipitavam-se como aves de rapina, espalhando destruição, tragédias e morte. Colunas de tanques blindados da Wehrmacht³⁶

avançavam e, com seus trilhos de aço, passavam por cima de tudo que encontrassem no caminho. Era o começo da Segunda Guerra Mundial. A enormidade da tragédia que a humanidade teria de atravessar até o final da guerra supera tudo que pode compreender a imaginação de alguém que não tenha passado por isso pessoalmente.

Durante quase duas semanas, o exército alemão permaneceu nos umbrais de Wielkie Oczy. Na vizinha Przemyśl, seiscentos judeus foram assassinados logo depois de as tropas nazistas entrarem na cidade. Os ânimos e os pressentimentos das pessoas eram os piores possíveis. Sentiam impotência, desespero, confusão e desamparo.

Minhas duas irmãs, Sara e Reisel, eram estudantes secundaristas, uma em Jaworów e a outra em Lubaczów. Elas moravam com tios e tias. Meu irmão Mendel foi convocado para o exército polonês e foi designado para um pelotão da cavalaria que lutava à cavalo contra as divisões blindadas alemãs. Katriel preferiu viver e trabalhar em Przemyśl em vez de ficar na fazenda em Korczunek.

Minha mãe, que, conforme já mencionado, era uma mulher instruída e com um bom senso para política, insistiu para que deixássemos a fazenda e rumássemos para o leste, temendo os invasores nazistas. Acreditando que mulheres e crianças não seriam feridas mesmo se o exército chegasse a Korczunek, elas foram deixadas na fazenda com o tio Isaac para cuidar dos negócios domésticos. Naquele tempo, nós não sabíamos ou sequer imaginávamos quanto mal e brutalidade o futuro traria através das mãos dos nazistas e de seus cúmplices. Meu pai, a mãe, meu tio Berl Fuss e eu fomos para o leste em direção à fronteira russa em uma carroça puxada por dois dos nossos melhores cavalos e carregada com nossos pertences, comida para gente e alimento para os cavalos. As estradas estavam lotadas de pessoas (que também estavam fugindo

dos alemães) e de unidades do derrotado exército polonês, também recuando em direção à fronteira russa.

Nostalgicamente, olhei para trás por um instante e imergi em recordações dos dias da minha copiosa infância. Um som de trovão nos assustou logo de início, pois pensamos que os alemães já haviam nos alcançado, mas logo se verificou que esses eram trovões de verdade e foram seguidos por uma chuva torrencial que nos encharcou. Tais ruídos interromperam meu devaneio e me trouxeram de volta à amarga realidade.

Nós seguimos em frente. Passamos por Tartaków e Horochów, e finalmente chegamos a Równe, a uma fazenda pertencente a um conhecido de meu pai. Fomos recebidos de modo hospitaleiro, e eu fui cuidar dos cavalos exaustos. Enquanto isso, outros poloneses também chegaram; eles também haviam rumado para o leste e foram recebidos com cortesia.

Quando estávamos lá, descobrimos que o exército russo tinha invadido a Polônia. Em 17 de setembro de 1939, como resultado do Pacto Molotov-Ribbentrop entre a Rússia e a Alemanha, versando sobre não-agressão e sobre a divisão da Polônia entre esses países, soldados do Exército Vermelho ocuparam os territórios orientais da Polônia. Os russos justificaram esse fato alegando que vinham para libertar trabalhadores e camponeses da Bielorrússia e da Ucrânia ocidentais, que eram explorados pela burguesia e pelos patrões poloneses. Depois de sua chegada a Równe, eles prenderam todos os membros das autoridades locais. Foi no Dia do Perdão, quando estávamos rezando na sinagoga local. Até hoje eu me lembro da oração entoada pelo cantor.

Alguns dias depois, quando achamos que o perigo trazido pelas mãos dos invasores nazistas já tinha passado, nós voltamos para casa. Quando

chegamos a Niemirów, a trinta quilômetros de distância da fazenda em Korczunek, eu fui mandado, em minha bicicleta, a qual eu havia levado na carroça, para fazer o reconhecimento da situação. Eu precisava verificar o que acontecera com os familiares que tinham ficado para trás. Quando cheguei à fazenda, senti tudo escurecer. Ninguém da minha família estava lá. A fazenda estava destruída, os celeiros e a estrebria das vacas estavam demolidos, os cavalos e o gado haviam desaparecido. Restava apenas uma família de pastores ucranianos que tinham empregado. Através do pastor, eu fiquei sabendo que, quando os alemães chegaram a Wielkie Oczy, todos os homens judeus, apesar de ser Dia do Perdão, fugiram para Korczunek, na esperança de que os alemães não fossem até lá. Infelizmente, um avião de patrulha alemão aterrissou lá, e três membros da tripulação ordenaram que os judeus ficassem ao lado do celeiro, vestindo apenas roupas de baixo. Então eles os forçaram a trazer vacas e cavalos e conduzi-los até a fronteira do território ocupado pelos alemães, que ficava a cerca de dez quilômetros da fazenda, ao longo do Rio San. Eles foram então libertados e puderam voltar a Wielkie Oczy.

Sem perder tempo, eu voltei para avisar aos membros de minha família para não retornar à fazenda. Fomos juntos à nossa casa em Wielkie Oczy, adquirida no passado pelo meu avô. Ali, nós nos alegramos ao ver o resto de nossa família, inclusive meu irmão Mendel, que voltara para casa depois de o exército polonês ter sido derrotado e dispersado.

Foi um ano abundante. Os armazéns na fazenda de Korczunek foram encheidos com os produtos das safras. Parte da safra apodreceu no campo por causa das chuvas torrenciais, mas as batatas plantadas na colina não foram perdidas. Um dia, no entanto, quase toda a propriedade da família virou cinzas e foi destruída. Quando meu irmão Mendel

descobriu que centenas de camponeses dos arredores estavam indo à fazenda e carregando o que podiam, ele tratou de juntar alguns homens da cidade, os quais acorreram à fazenda e tentaram salvar o que era possível. Em uma de nossas casas, cuja construção não estava concluída, nós armazenávamos alguns produtos trazidos da fazenda. A casa era protegida com tábuas de madeira. Agora, toda a família estava reunida em uma casa em Wielkie Oczy, exceto por duas irmãs que estavam em Jaworów e Lubaczów.

Quando recobramos rumo, começamos a reorganizar nossa vida na cidade. Conseguimos concluir a construção de nossa segunda casa, e eu, meu irmão Mendel e nossos pais nos mudamos para lá.

Certo dia, eu retornei à fazenda com meu primo Jacob. Parecia tudo abandonado, e um silêncio absoluto reinava. Levamos duas vacas compradas pelo meu pai e as entregamos para a família de um pastor que lá vivia e para a leiteira e suas filhas, que tomavam conta das nossas vacas. Uma mulher que cuidava de dois meninos havia se juntado a eles. Meu primo e eu íamos à fazenda a cada dois dias e pegávamos os laticínios e hortaliças que ainda restavam. De vez em quando, passávamos a noite por lá.

Em 26 de setembro, os russos apareceram na vizinhança e levaram a maior parte da safra que ainda restava na fazenda. Ainda havia o suficiente para alimentar nossos cavalos e vacas.

O Exército Vermelho estava agora em Wielkie Oczy. Quando os soviéticos chegaram, começou um novo tempo para os judeus. Lemas de propaganda política eram ouvidos, juntamente com clamores de liberdade e igualdade para todas as nações. Parecia até que os dois únicos lampiões de rua da cidade emanavam uma nova luz. Oficiais soviéticos vieram da Rússia com suas famílias para estabelecer uma administração e uma autoridade.

de de acordo com a ideologia soviética. Um *nachalnik*³⁷ russo foi nomeado para o posto de presidente do conselho da cidade. Outro *nachalnik* foi nomeado para o posto de comandante da nova milícia organizada para substituir a polícia polonesa. Os artesãos da cidade foram organizados em cooperativas. Alguns vilarejos nas imediações foram transformados em *kolkhozy*³⁸. Donos de casas e de apartamentos tiveram seus imóveis expropriados.

Todas as instituições judaicas foram, em princípio, desarticuladas. As organizações judaicas que não se desarticularam por si mesmas foram fechadas ou caíram na clandestinidade. Um dos movimentos sionistas era a organização B'nei Akiva. Antes da guerra, nós havíamos alugado uma de nossas casas para esse movimento, cobrando um aluguel bastante modesto. A casa era aberta a qualquer pessoa que viesse, e o slogan “Basta você querer, e a lenda se tornará realidade” estava escrito na parede. Mas, ainda antes da guerra, um dos ativistas desse movimento, Zvi Eichner, que mais tarde eu encontrei em Israel, mudou-se para a Palestina junto com alguns habitantes de Wielkie Oczy, e a atividade do movimento em Wielkie Oczy cessou.

A filosofia sionista e a religião eram consideradas pelos soviéticos como sendo ideologias reacionárias e atividades antirrevolucionárias. Além da perda de liberdade ideológica, a luta de classes marxista continuava. Ainda que os judeus preferissem a administração soviética à administração nazista, e eles foram até privilegiados quando os cargos foram distribuídos pela nova autoridade, que considerava a população judaica como sendo mais confiável do que os ucranianos ou os poloneses, isso não parou a perseguição dos judeus pelos comunistas, junto com outros povos, porque os judeus eram considerados burgueses, exploradores e especuladores. Mesmo que a situação econômica tenha melhorado até certo ponto, e os judeus tiraram

proveito disso, um clima de insatisfação prevalecia. Poloneses e ucranianos viam, nos invasores russos, autoridades que tinham vindo para tirar suas terras e sua liberdade e viam, no Exército Vermelho, soldados que os apunhalavam pelas costas. Eles estavam irritados com a predileção das novas autoridades pelos judeus e começaram a sentir uma antipatia crescente por eles. Mesmo que os judeus explicassem que preferiam os soviéticos só porque temiam os alemães, os poloneses não acreditavam. De fato, isso veio à tona depois, quando os judeus precisaram da ajuda dos poloneses. Também por causa disso, e por causa da possibilidade de os alemães os ajudarem a reconquistar a liberdade e a retirar o fardo da opressão soviética de cima dos seus ombros, os ucranianos decidiram, algum tempo depois, cooperar com os alemães.

Portanto, a vida dos judeus seguia em relativa calma sob o regime soviético até 22 de junho de 1941, quando eclodiu o conflito entre alemães e soviéticos. No ínterim, todo aquele que era suspeito de dissidência ou acusado de ser um burguês capitalista acabava sendo mandado para a Sibéria.

Também foi mandado para a Sibéria o nosso amigo polonês Gryniewicz, junto com sua família. Gryniewicz era um guarda florestal e tomava conta do bosque para o dono das terras; ele caminhava pelo bosque com o seu cachorro preto e uma arma. De vez em quando, nas sextas-feiras, ele levava algum peixe à fazenda em Korczunek e ajudava a encontrar trabalhadores para a fazenda, pois ele conhecia os habitantes de todos os vilarejos vizinhos.

A parteira Miriam, junto com seu marido, duas filhas e outras pessoas, foi mandada para a Sibéria porque as filhas dela fizeram fofoca dizendo que ela não gostava dos russos. Minha família também teria enfrentado um destino similar, mas meu pai – que sabia do perigo – buscou todos os meios para evitá-lo. Um amigo nosso chamado Bauer, que

gerenciava a destilaria local e que tinha amizade com os russos, ajudou meu pai e sugeriu que ele subornasse as autoridades locais, as quais, em troca do relógio de meu pai e de alguns outros bens de valor, concordaram em cancelar a deportação.

Mas ninguém sabia o que o destino reservava. A maioria dos judeus mandados para a Sibéria sobreviveram à guerra.

Na segunda metade do ano de 1940 e na primavera de 1941, todos os homens nascidos entre 1917 e 1922 foram convocados pelos militares para o *stroy-batalion*³⁹ russo. Cerca de 150.000 pessoas da Bielorrússia ocidental e da Ucrânia ocidental, ou seja, dos territórios pertencentes à Polônia e anexados pelos russos, foram servir ao exército. Entre eles, havia cerca de 30.000 judeus.

Meu irmão Katriel, que, no ínterim, voltara de Przemyśl para Wielkie Oczy, e eu estávamos entre os mobilizados.

Fomos separados de nossa querida família para nunca mais vê-la...⁴⁰

NOTAS

1 Zvi Orenstein nasceu no começo da década de 1920 e, até a primavera de 1941, viveu em Korczunek, uma fazenda senhorial (que não mais existe) situada uns poucos quilômetros ao norte de Wielkie Oczy. As reminiscências seguintes constituem os dois primeiros capítulos do seu livro autobiográfico *Lembrar, Não Esquecer*, publicado em hebraico pelo autor em 2003, em Tel Aviv. A presente tradução para o português está baseada na versão em inglês do texto, a qual, por sua vez, baseia-se em uma tradução hebraico-polonês feita por David Majus. Ver: <http://kehilalinks.jewishgen.org/WielkieOczy/>

2 *Kashrut* é o termo que se refere às leis alimentares do judaísmo. A comida, de acordo com a *halachá* (lei judaica) é chamada de *kosher*, do termo hebraico *kasher*, que significa “próprio” (neste caso, próprio para consumo pelos judeus, de acordo com a lei judaica). Por extensão, a

palavra *kosher* passou a significar “legítimo”, “aceitável”, “genuíno” ou “autêntico”, num sentido mais amplo.

3 *Folksdojcz* (palavra polonesa derivada do alemão *Volksdeutsche*) – durante a ocupação nazista na Polônia, uma pessoa que, devido à sua origem germânica (legítima ou fingida), tinha consideráveis privilégios não acessíveis aos poloneses.

4 *Hassidismo* ou *Chassidismo* – seita religiosa que surgiu na Europa, no século XVIII. Sua filosofia foi formulada pelo rabino místico Israel ben Eliezer, mais conhecido como o Baal Shem Tov (o Mestre do Bom Nome) e tem como característica a alegria de servir a Deus.

5 Dinastia *hassídica* que, no final do século XIX, ficou conhecida pelo nome da cidade onde surgiu, a cidade de Belz, na Ucrânia.

6 Pronúncia asquenazita para *Shabbat*, que é o nome dado ao dia de descanso semanal no judaísmo, simbolizando o sétimo dia da Criação, quando Deus descansou após a criação do universo. É observado a partir do pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado.

7 *Borsht* é uma sopa tradicional em diversos países do Leste Europeu. A sopa é normalmente preparada com beterraba. Outros ingredientes costumeiros são repolho, cenoura, pepino, batata, cebola, tomate, cogumelo e carne.

8 *Shavuot* é o nome da festa judaica também conhecida como Festa das Colheitas ou Festa das Primícias. O *Shavuot* também celebra a revelação da Torá ao povo de Israel, por volta de 1300 AEC.

9 *Pessach* é o nome do sacrifício executado em 14 de Nissan, segundo o calendário judaico, e que precede a festa dos pães ázimos. Geralmente, o nome *Pessach* é associado também a essa festa, que celebra e recorda a libertação do povo de Israel do Egito, conforme narrado no livro de Shemot (Êxodo).

10 *Matzo* (em ídiche) ou *matzá* (em hebraico) é um tipo de pão assado sem fermento, feito somente de farinha de trigo e água. A preparação da massa não deve exceder 18 minutos para garantir que a massa não fermente. De acordo com a tradição judaica, pão ázimo foi feito pelos israelitas antes da fuga do Antigo Egito, porque não houve tempo para esperar até a massa fermentar.

11 *Admor* (palavra hebraica) – um rebbe (mentor, professor) hassídico é comumente chamado de Admor, que é uma abreviação para *Adoneinu, Moreinu veRabbenu* (“Nosso Mestre, Nosso Professor e Nosso Rabino”).

12 *Mikvah* é um tipo especial de banho projetado com a finalidade de imersão ritual no Judaísmo.

13 Denominado *techum Shabbat* em hebraico, é o limite de 2.000 cúbitos (cerca de 1.000 jardas ou 960 metros) além do qual aquele que esteja observando o *Shabbat* não deve passar depois de ter alcançado a última casa de sua cidade – a menos que, antes do *Shabbat*, alguém tenha deixado provisões nesse limite, marcando assim a transferência do seu próprio domicílio. Assim, a pessoa pode andar mais 2.000 cúbitos. Essa é uma lei que foi desenvolvida talmudicamente a fim de amenizar a severidade de Êxodo 16:29: “que ninguém saia de sua casa no sétimo dia”. Nosso memorialista, confiando nas lembranças da juventude, errou um pouco na explicação dessa lei ritualística.

14 *Sucot* é um festival judaico que se inicia no dia 15 de *Tishrei*, de acordo com o calendário judaico. Também conhecida como Festa dos Tabernáculos ou Festa das Cabanas ou, ainda, festa das colheitas, visto que coincide com a estação das colheitas em Israel, no começo do outono. *Sucot* lembra os 40 anos de êxodo dos judeus no deserto após a sua saída do Egito. Nesse período o povo judeu não tinha terra própria, eram nômades e vivam em pequenas tendas ou cabanas frágeis e temporárias.

15 *Bimah* (palavra hebraica) ou *blemel* (palavra ídiche) – a plataforma elevada (usualmente colocada no meio de uma sinagoga), de onde a Torá é lida.

16 O termo *gabbai* tem sido tradicionalmente aplicado ao leigo que é líder de uma comunidade religiosa. Atualmente, designa o presidente e outros oficiais leigos de uma congregação e que nela agem. Ele distribui as honrarias associadas à abertura da Arca e aos congregantes que irão ler a Torá.

17 *Aaron ha-Kodesh* é o lugar mais sagrado dentro de uma sinagoga. A Torá é guardada dentro deste armário ou compartimento.

18 *Bar-Mitzvah* é cerimônia e comemoração que marcam o

décimo terceiro aniversário de um menino, que, então, assume plenamente suas obrigações religiosas.

19 *Haftará* é um trecho de texto dos *Neviim* (os livros dos profetas) lidos nas sinagogas geralmente após a leitura semanal da Torá.

20 Aqui, confiando na memória, o autor cometeu um equívoco. Em realidade, a nova sinagoga de Wielkie Oczy foi construída em 1910, cf. http://pl.wikipedia.org/wiki/Synagoga_w_Wielkich_Oczach (Nota do Tradutor)

21 São os dez dias de reflexão e penitência que se estendem entre o Ano Novo Judaico e o Dia do Perdão.

22 *Simchat Torá* é o nome da festividade que ocorre no oitavo dia após *Sucot*. Neste dia, encerra-se e reinicia-se a leitura anual da Torá, como lembrança da sua eternidade.

23 Um *minian*, ou *minyán* (termo hebraico cujo significado é contar, número; pl. *minyanim*) refere-se ao quórum de dez judeus adultos necessários para certas obrigações religiosas.

24 *Shtreimel* é um chapéu de pele usado por judeus ortodoxos, especialmente os hassídicos, em ocasiões festivas.

25 É um antigo costume em certos países do leste europeu, especialmente a Rússia, que os pais recebam a noiva e o noivo e que os anfitriões recebam convidados importantes em suas casas oferecendo pão e sal. Aquele que tem a honra de ser recebido dessa forma deve pegar um pedacinho de pão e mergulhá-lo em sal. Com essa atitude, o visitante estabelece uma relação de confiança especial com quem o recebe, expressando, através desse gesto, pureza de intenções e pensamentos.

26 Os infames “Protocolos dos Sábios de Sião” começaram a circular por volta de 1897 na Rússia, e a maioria dos historiadores concordam que esse livro foi criado por ordem da polícia secreta russa chamada Okhrana (ou também Okhranka). A Enciclopédia Britânica o descreve como “um documento fraudulento que serviu como pretexto e base racional para o antissemitismo no começo do século XX”, cf. http://en.wikipedia.org/wiki/The_Protocols_of_the_Elders_of_Zion

27 *Pogrom* (do russo) é um ataque violento maciço a

pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus, protestantes, eslavos e outras minorias étnicas da Europa.

28 O “gueto de bancos” era uma forma de discriminação contra os estudantes judeus introduzida nas escolas e universidades polonesas antes da Segunda Guerra Mundial por exigência de grupos nacionalistas poloneses. Os estudantes judeus eram forçados a sentar em bancos predeterminados nas salas de aula.

29 *Klezmer* (do idiche, através do hebraico *keley zemer*, que significa “instrumentos musicais”) é um gênero de música não-litúrgica judaica, desenvolvido a partir do século XV pelos asquenasitas.

30 *Purim* é um feriado judaico que comemora a salvação dos judeus persas, que escaparam do plano de extermínio arquitetado por Haman, tal como está escrito no Livro de Ester.

31 Aqui, mais uma vez, o memorialista se confunde em um pequeno detalhe: Haman não era rei, mas sim o ministro (ou grão-vizir) do rei Ahasverus da Pérsia que quis exterminar o povo judeu, o qual ficara sob domínio persa após a queda da Babilônia.

32 A festa de *Hanuká* é celebrada durante oito dias, do dia 25 de *Kislev* ao 2 de *Tevet* (ou o 3 de *Tevet*, quando *Kislev* só tem 29 dias). Durante esta festa se acende um candelabro de 9 braços (incluindo o central e maior, denominado *shamash*, ou servente). Na primeira noite, acende-se apenas o braço maior e uma vela, e a cada noite se vai acrescentando uma vela, até que no oitavo dia o candelabro está completamente aceso. Esse ritual comemora o milagre do azeite que queimou por oito dias no candelabro do Templo de Jerusalém, por ocasião de sua rededicação após os judeus terem vencido e expulsado o exército de Antíoco no ano 164 AEC.

33 O ritual de *tashlich* é realizado no primeiro dia do Ano Novo Judaico, quando este não coincide com *Shabbat*. É costume ir até um lugar que tenha água natural corrente (lagos, rios ou mar) e onde existam peixes. Lá, os judeus meditam, cantam e recitam alguns salmos. Depois, lança-

se ali na água migalhas de pão, que simbolizam resíduos desintegrados das faltas cometidas durante o ano que se encerra. A água carrega simbolicamente os erros ou desacertos, as culpas, e essas migalhas se transformam em alimentos para os peixes.

34 *Matzeva* é a pedra tumular que sinaliza o local de sepultamento de um judeu.

35 O Junkers Ju 87, popularmente conhecido como Stucka (do alemão *Sturzkampfflugzeug*, “bombardeiro de mergulho”), foi um bombardeiro utilizado pela força aérea alemã (chamada *Luftwaffe*, que significa, literalmente “arma aérea”) e pela Regia Aeronautica Italiana durante a Segunda Guerra Mundial.

36 *Wehrmacht* (termo alemão que significa “Força de Defesa”, e que pode ser entendido como meios/poder de resistência) foi o nome do conjunto das forças armadas da Alemanha durante o Terceiro Reich entre 1935 e 1945.

37 *Nachalnik* (palavra russa) – comandante, chefe, líder, gerente.

38 *Kolkhoz*, *kolkhozy* (palavra russa, singular e plural respectivamente) – um modelo soviético de fazendas coletivas, cf. <http://en.wikipedia.org/wiki/Kolkhoz>

39 *Stroy-batalion* (palavra russa, que literalmente significa “pelotão de construção”) – uma unidade militar especial do exército soviético que executava trabalhos de construção durante a Segunda Guerra Mundial.

40 O livro contém vários outros capítulos que não foram traduzidos e que não estão incluídos aqui porque não se referem diretamente a pessoas ou acontecimentos de Wielkie Oczy. Em vez disso, esses capítulos descrevem as experiências de Zvi Orenstein em combate, em um pelotão de artilharia, experiências que o levaram de Stalingrado para Moscou, Varsóvia e Berlim, bem como a sua jornada até Israel.

Recebido em 20/10/2010

Aceito em 21/12/2010

Traduzido em 13/01/2012